



E O TIO VIROU PAI

Em cartaz nos cinemas, a **terceira parte da comédia 'Um Tio Quase Perfeito'** traz **Marcus Majella de volta ao papel de Tony**, que lida com o crescimento dos sobrinhos e a surpresa da chegada de um bebê. **Em entrevista ao Correio, o ator fala sobre a crise do ninho vazio**, o conceito de família fundada no afeto e seus planos de retorno ao teatro. Página 3



CRÍTICA FILME | O FILHO DA PUTA

POR RODRIGO FONSECA

Animando nossa alma de vira-lata

Dobradinha criativa da lendária Otto Desenhos Animados com a Anaya Produções, “O Filho da Puta” é uma mistura de Chaplin com Glauber Rocha num sertão mineiro com cara de Nordeste, regado a Odair José. Egresso da seção Contrechamp (Contracampo) do Festival de Annecy, espécie de Cannes da animação, na França, essa joia foi dirigida a oito mãos, por Sávio Leite, Érica Maradona, Otto Guerra e Tania Anaya, sob o sólido pavimento do roteiro de Carla Guimarães.

Ganhou prêmio no Anima-Fest Zagreb, na Croácia, uma das mais antigas mostras animadas do planeta, que está em sua edição número 54, em junho, e... devagarzinho... espalha-se planeta adentro, com uma direção de arte arrebatadora. O visual lembra



Divulgação

O cão Bacalhau (na voz de Matheus Nachtergaele) testemunha Ismael (Gabriel Martins) se safar de perigos de jeitos tortos

xilogravura e o poster de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964). O clima é meio Graciliano, ainda que a ironia eschachada seja Otto puro, com direito ao gogó do cineasta Gabriel Martins como voz

do protagonista.

“Passamos na Suíça já, também, estivemos no Cine BH... e, aos poucos, vamos ganhando tela”, dizia Otto Guerra, que parece ter superado sua (até então) obra-pri-

ma, “Wood & Stock” (2006).

A trama de seu novo filme (erguido com Érica, Tania e Sávio) se passa na pequena vila de Veredas, onde fica a Casa Rosa, um famoso bordel administrado pela mãe do

protagonista, Ismael. Por causa disso, ele é conhecido como o “Filho da Puta”. Tentando deixar essa realidade para trás, Ismael se afasta dos laços maternos em busca das duas coisas que nunca conheceu: seu pai e o oceano. Um amigo vai com ele pelo caminho, o cachorro aleijado (que fala... pacas) Bacalhau, o personagem mais sábio - e encantador - do Festival do Rio nº 28, graças ao talento do eterno João Grilo, Matheus Nachtergaele. Esse campeão de bilheteria trabalhou com Otto antes, em “A Cidade dos Piratas” (2018).

A música de João Omar é um dos eixos mais elogiados da saga de Ismael, que pode valer um prêmio de coadjuvante a Nachtergaele. “Achei que é uma pequena obra de arte. Eu digo ‘pequena’ porque ela tem uma singeleza que condiz com o que eu acho que a gente é, lá no fundo: um país vira-lata, de um aspecto singelo comovente, correndo um perigo, sem uma pata, tipo o Bacalhau”, diz Nachtergaele. “Vi o longa no dia seguinte à eleição. Fui ao cinema tristonho, mas pensando: ‘vai ser bonito’. E foi. Saio dele numa outra animação”.

PARABÉNS AOS PREMIADOS. MAS QUEM VENCEU MESMO FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

ENTREVISTA | **MARCUS MAJELLA**

ATOR

‘Família é quem está presente, quem cuida, quem dá amor’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Marcus Majella abriu 2026 tentando lotar as salas de projeção com “Agentes Muito Especiais”. Não chegou a leva-lo à condição de fenômeno pop, mas assegurou um arranque de 105 mil tíquetes para nosso cinema, num primeiro semestre mingado para o público da produção nacional. Agora que vivemos tempos mais alegres, com a coqueluche “Minha Melhor Amiga”, esse bamba da gargalhada retorna as telonas com a terceira parte de uma franquia aberta lá em 2017: “Um Tio Quase Perfeito”. Na parte três, já em cartaz, o ator Tony (Majella) está se sentindo cada vez mais abandonado pelos sobrinhos, que cresceram e estão independentes. Até que um dia uma surpresa vira sua vida de cabeça para baixo: um bebê é deixado na porta de sua casa. Sob a direção de Pedro Antonio, o longa abre sorrisos em cada multiplex onde é exibido. Nesta conversa, Majella fala da maturidade desse papel e de seu ferramental cômico.

“Um Tio Quase Perfeito 3” começa com uma experiência que pode ser bastante dolorosa: Tony percebe que os sobrinhos cresceram e já conseguem imaginar uma vida que não depende tanto dele. O que esse sentimento de deixar de ser indispensável diz para você sobre amor, família e sobre aprender a permitir que quem amamos siga o próprio caminho?

Marcus Majella - O Tony é um cara muito legal. Tenho um carinho enorme por ele, pois são dez anos de convivência com este personagem, acompanhando o crescimento dele. Acho bonito poder mostrar seu amadurecimento. No terceiro filme não poderia ser diferente. Ele passa a viver uma certa crise de ninho vazio quando percebe que o tempo passou, que as crianças cresceram e agora buscam ser mais independentes, irem atrás de seus sonhos e interesses o que, eventualmente, não o inclui mais. E, sim, acho que isso diz muito sobre o amor. Sobre continuar estando presente e sendo importante para quem a gente ama e, ao mesmo tempo, deixar ir... deixar viver, experimentar, crescer. O tio Tony está neste aprendizado.

Tony nunca precisou ocupar o lugar tradicional de pai para construir uma relação profundamente paternal com aquelas crianças. Na sua própria trajetória, como homem queer e artista, o quanto lhe interessa defender no

cinema a ideia de que uma família pode nascer de diferentes formas de afeto, cuidado e pertencimento?

Acho que o cinema é uma vitrine maravilhosa de contar histórias e, de certa forma, ensinar por meio delas, principalmente porque a gente vive em um país com famílias muito diversas. Para mim, o conceito de família é quem está presente, quem cuida, quem dá amor, quem segura a sua mão quando você precisa. Ser tio, também pode ser uma referência. O Tony não é o pai daquelas crianças e mesmo assim exerce uma função muito importante na vida delas e elas na dele. Acho que os vínculos podem nascer de lugares diferentes. O que faz uma família é o afeto, o cuidado e a presença.

Agora aparece Alice, um bebê que obriga Tony a começar tudo outra vez: fraldas, noites sem dormir, medo, responsabilidade. Existe alguma coisa nessa experiência da personagem que fez você pensar sobre paternidade, sobre cuidar de alguém ou mesmo sobre aquilo que queremos deixar para uma geração que vem depois da nossa?

O Tony me deu algo muito especial e que vejo com muito carinho, que é a proximidade com o público infantil. Conviver com esse público ao longo dos filmes me fez ter uma percepção bastante real sobre o cuidado e a grande responsabilidade que é cuidar de uma criança. Ser pai é algo que mudaria completamente a rotina e as prioridades e, hoje, sinto



Daniel Chiacos/Divulgação

“Sou uma pessoa que observa muito e acho que a comédia nasce muito desse olhar para as situações do cotidiano, para as nossas contradições e aquilo que às vezes é difícil de falar de uma maneira mais direta

que vivo outro momento, de querer conhecer o mundo, viajar, descobrir lugares novos. No momento, quero poder ter e viver esta liberdade.

Você construiu boa parte da sua carreira fazendo as pessoas rirem, mas o humor também pode ser uma maneira de falar de solidão, inadequação, rejeição e desejo de pertencimento. Houve algum momento da sua vida em que percebeu que aquilo que fazia o público rir também poderia ajudá-lo a compreender e expressar quem você era?

Acho que o humor sempre foi uma forma muito natural de me relacionar com o mundo. Eu sou uma

pessoa que observa muito e acho que a comédia nasce muito desse olhar para as situações do cotidiano, para as nossas contradições e aquilo que às vezes é difícil de falar de uma maneira mais direta. Para mim, rir também sempre foi uma forma de aproximação. Quando você consegue fazer alguém rir, cria uma intimidade muito grande. Com o tempo, fui entendendo que podia usar isso não só para divertir, mas também uma ferramenta de expressão mesmo.

Uma franquia que atravessa tantos anos acaba registrando o envelhecimento real de seus atores e o crescimento das crianças diante da câmera. Quando olha para o Marcus que fez

o primeiro “Um Tio Quase Perfeito” e para o homem que chega agora ao terceiro filme, o que você sente que perdeu, conquistou ou aprendeu nesse intervalo?

Ao longo desses dez anos, é muito bonito ver a mudança em todos, nos personagens e no elenco. A vida do Tony mudou assim como a minha. Com o tempo, acho que também fui emprestando um pouco das minhas coisas para o Tony, sentido seu crescimento, amadurecimento, e acho que ele foi ficando um pouco mais parecido comigo. Talvez porque, durante este tempo, eu tenha aprendido a olhar para o Tony da mesma forma que me vejo: com menos certezas e mais humanidade. Também é muito louco lembrar das crianças do primeiro filme e perceber que elas cresceram de verdade! O tempo passou para todo mundo e o público acompanhou essa história durante anos, então voltar para esse universo é estar em um lugar muito carinhoso de afetividade. Tem um significado muito especial.

Tony é professor de teatro, e você é um artista cuja formação passa fortemente pelo palco, embora tenha conquistado uma enorme projeção no audiovisual. O que o teatro ainda oferece a Marcus Majella que o cinema e a televisão não conseguem oferecer — e o que você gostaria que o cinema brasileiro ainda lhe permitisse experimentar como ator?

Eu amo o teatro. Inclusive, depois de algum tempo mais focado em televisão e cinema, estou com planos para voltar aos palcos e estou muito feliz e ansioso com isso. O teatro é um espaço sagrado mesmo, com uma troca muito especial com o público. Você está ali, olhando para as pessoas, sentindo a respiração, a risada, o silêncio... não tem como repetir. Na TV e no cinema, a mágica é diferente, porque você pode chegar a pessoas do Brasil inteiro e até de lugares que você nem imaginava. E eu também adoro isso. Já para a minha carreira, o que eu gosto muito é de me desafiar, experimentar. Eu amo fazer comédia, mas também adoraria fazer um personagem que me provoque de outra forma.

Valor sentimental da liberdade

Sensação em Locarno, o longa 'Admirável Novo Amor', da norueguesa Maria Bäck, leva às telas paulistanas o olhar sobre desejo, culpa e dilemas femininos dos povos escandinavos



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Narrativas escandinavas, de Bergman, a "Valor Sentimental", passando pelo "Dogma 95", sempre atearam fogo existencialista a tramas ligadas ao coração, como "Admirável Novo Amor" ("Fagre Nye Kærlighed"). Depois de disputar o Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, na Suíça, o drama dinamarquês de Maria Bäck ganha duas sessões consecutivas nesta segunda-feira (19), às 13h, no Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 1, e na terça-feira (20), às 17h10, no Espaço Petrobras de Cinema, sala 3. Haverá ainda uma exibição no dia 28, às 20h45, no Cine Satyros Bijou. O longa investiga os limites entre desejo, responsabilidade e culpa, numa narrativa sobre as contradições de uma sociedade que se orgulha de seu progressismo.

Duas estrelas da Noruega, Kathrine Thorborg Johansen e Anders Danielsen Lie, esbanjam talento nesse delicado estudo sobre a intimidade. Na trama, a hipnote-



Divulgação



No longa, Maria Bäck reflete sobre os dilemas da sociedade escandinava

Em 'Admirável Novo Amor', duas estrelas da Noruega (Kathrine Thorborg Johansen e Anders Danielsen Lie) esbanjam talento nesse delicado estudo sobre a intimidade

“Existe um tabu em torno de não estar satisfeito quando, aparentemente, se tem tudo”

MARIA BÄCK

rapeuta Kate (Kathrine, em atuação sublime) vive com o marido, Orla, e a filha, Athena, enquanto mantém um relacionamento secreto com Andreas (Anders). Uma gravidez inesperada, a culpa pela

morte de um pássaro e pesquisas rituais envolvendo a mitologia grega ampliam seus conflitos.

“Acho que os escandinavos vivem um paradoxo bastante específico. Temos uma sociedade

que se orgulha do modernismo, da igualdade de gênero e de uma espécie de perfeição estrutural. Sob essa superfície, existe uma herança cultural bastante arraigada de vergonha internalizada e uma compreensão conformista do que podemos nos permitir. Existe um tabu em torno de não estar satisfeito quando, aparentemente, se tem tudo: uma família amorosa, uma carreira, segurança. Mas os privilégios não eliminam a vergonha”, disse Maria Bäck ao Correio da Manhã, por email.

Um dos títulos mais maduros da competição de Locarno no âmbito da montagem, “Admirável Novo Amor” atravessa o melodrama sem se render às suas convenções, alternando humor e sofrimento com surpreendente leveza.

“Eu queria que o filme fosse como Kate, que resistisse ativamente às convenções e agisse de maneira surpreendente”, explica a realizadora. “A vida é riso ao lado de uma dor profunda. Luz e escuridão sempre coexistem. O dilema de Kate é muito humano e, em toda a sua falta de jeito, é ao mesmo tempo trágico e cômico. O oposto da morte é o amor”.

Na construção da protagonista, Bäck encontrou em Kathrine uma parceira disposta a explorar as zonas mais desconfortáveis da experiência feminina. “Não nos preocupávamos tanto com a autenticidade cronológica, mas muito mais com a autenticidade emocional. Tivemos longas conversas, mergulhando nas múltiplas perspectivas de Kate em cada cena. Precisávamos lidar com nossa própria vergonha”, recorda.

A fotografia de Maria von Hausswolff transforma as paisagens em extensões da subjetividade de Kate, numa elaboração visual nascida da cumplicidade de 15 anos entre as duas artistas.

“Passei muito tempo sozinha em Samos, andando de bicicleta e procurando lugares mágicos, brincando de ser Kate”, conclui a diretora.

E a farra ibérica continua...

‘Viva’, novo trabalho de Aina Clotet, confirma a boa fase da filmografia espanhola

Ainda se recuperando de seus feitos no Festival do Rio, com a passagem de “A Bola Preta” na abertura da maratona carioca, a Espanha agora presenteia a Mostra de São Paulo com uma joia afetuosamente garimpada na Semana da Crítica de Cannes, em maio: “Viva”, de Aina Clotet. Tem uma sessão dele nesta segunda, às 13h45, no Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 4, com repeteco nesta terça, às 15h, no Reserva Cultural 2.

Atriz e diretora da série “This Is Not Sweden”, Aina passa ao cinema

com uma trama sobre recomeços. O roteiro fala de Nora, que, aos 40 anos, passou por uma experiência de quase morte. Ao sobreviver, ela é tomada por uma necessidade urgente de se sentir viva.

Com isso, mergulha em relacionamentos apaixonados com dois homens muito diferentes, Tom e Max, cujas naturezas opostas refletem seu próprio conflito interior. Porém, quando nenhum dos dois consegue preencher o vazio que sente, Nora se vê forçada a aceitar a verdade e enfrentar o



Divulgação

Aina Clotet é Nora, que faz do filme ‘Viva’ uma aventura de reeducação sentimental

verdadeiro medo que alimenta essa sua urgência em viver.

Exibido na Semana da Crítica do Festival de Cannes, onde Aina Clotet recebeu o Louis Roederer Foundation Rising Star Award por sua atuação.

“Eu me sinto orgulhosa ao ver tantas vozes femininas na direção que surgem da Espanha, com miradas únicas, muito diferentes”, diz Aina. “Eu falo de uma mulher que busca força em si mesmo para enfrentar medos dos mais profundos”. (R. F.)



Longe do visual biônico do Soldado Invernal, Sebastian Stan protege seu fiorde familiar na longa de Mungiu

Primavera (a Romena) chegou

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Um presente cinéfilo aguarda o público da 50ª Mostra de São Paulo e vem lá de Cannes: às 18h, no Cultura Artística, haverá uma projeção de

“Fjord”, do romeno Cristian Mungiu, que ganhou a Palma de Ouro de Cannes, em maio. No próximo dia 26, o longa volta a ser projetado, agora às 20h10, no Cine Sesc. Em seu elenco está Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel. O astro divide com a norueguesa Renate Reinsve o protagonismo de “Fjord”, de Mungiu.

Ganhador da Palma de Ouro de Cannes, ‘Fjord’ faz da Mostra sua porta de entrada no Brasil

Formam em cena o casal Gheorghiu: ela, Lisbet, é escandinava; e ele, Mihai, é romeno. Os dois se mudam com os filhos para uma vila da Noruega situada no fundo de um fiorde. Essa família muito religiosa rapidamente faz amizade com seus vizinhos, os Halberg. Apesar de seus diferentes estilos de educação, as crianças dos dois clãs criam laços estreitos. Um dia, quando os professores notam sinais de maus-tratos em Elia, filha mais velha dos Gheorghiu, a suspeita se instala. Será que as práticas educacionais convencionais de Lisbet e de Mihai ultrapassaram o limite da violência?

A investigação que se segue mergulha toda a vizinhança no caos, num ranço de xenofobia no ar. “Eu não julgo as personagens, mas há um debate no centro de tudo: se você olhar para as diferenças, atrás só das estranhezas, verá apenas inimigos”, disse Mungiu a Cannes. “É

mais fácil se unir ao gado e pastar na relva dos algoritmos. Mas o cinema no qual eu acredito prefere tirar a plateia da condição de rebanho e deixar o povo pensar”.

Ao ser abordado pelo Correio da Manhã, na Croisette, pouco antes de receber a Palma, ao ganhar o Prêmio da Crítica e o do Júri Ecumênico, Mungiu celebrou a resiliência de sua pátria nas artes. “Embora eu não creia na ideia de ‘cinemas nacionais’, pois as grandes narrativas são universais, fico feliz em perceber o respeito em torno de um cinema feito com ousadia na Romênia, há muito referendado por Cannes, que aposta na originalidade e celebra a vida”, disse Mungiu ao Correio da Manhã, no desfecho do festival francês. “Este objeto aqui (a Palma) vai fazer as pessoas de diferentes lugares do mundo descobrirem a nossa história”.

Não foi a primeira vez que Mungiu segurou o tal “objeto”. Em 2007, ele deu a seu país a sua primeira Palma de Ouro com “4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias”, ao narrar a saga de uma jovem estudante para ajudar uma amiga a abortar num momento opressivo do comunismo romeno, em 1987, sob a mão de ferro do governante da época, Nicolae Ceausescu (1918-1989). Dois anos antes de sua estreia, em 2005, Cannes recebeu um óvni de CEP romeno, chamado “A Morte do Sr. Lazarescu”, de Cristi Puiu. Esse cult de Puiu abriu os olhos do mundo para a realidade da Romênia, que começou o século XXI filmando num sistema simbólico muito peculiar, compartilhado por outras vozes autorais de prestígio, como Mungiu, ao revelar, numa abordagem quase naturalista, com câmera digital e orçamento mirrado, o garrote de um estado corrupto no pescoço de toda uma geração. Ali nasceu a Primavera Romena.

DICAS DE SEGUNDA

POR **RODRIGO FONSECA**



A PROFESSORA DE FRANCÊS, de Ricardo Alves Jr. (Brasil/Portugal/França): Nesta trama produzida por Thiago Macêdo Correia, Justin Pechberty e Damien Megherbi, multipremiada no festival do Rio, Grace Passô é Graça, que sobrevive dando aulas particulares de Francês em Belo Horizonte, onde mora com a namorada europeia. Após uma emergência de saúde do pai, retorna à casa onde cresceu. Seus vizinhos lideram uma seita na comunidade e ela é envolvida por esse fanatismo. Onde e quando: Reserva Cultural 2, 16h45.



MUSK, de Alex Gibney (EUA): Com duração de 235 minutos, este novo documentário com a grife do diretor do consagrado “Um Táxi Para A Escuridão” (2007) traz um olhar incisivo por trás da lenda em torno da figura do bilionário de Elon Musk, o mais celebrado (e polêmico) “inventor-empresendedor” do mundo, que exerce enorme influência sobre a sociedade capitalista na qual vivemos. O Festival de Veneza louvou este painel crítico. Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 3.



O ÚLTIMO DIA (“The Last Day”), de Rachel Rose (EUA): Tem Wagner Moura na área. O Festival de Tribeca, em Nova York, foi o primeiro a conferir os novos passos do astro de “O Agente Secreto” ao lado da sueca Alicia Vikander (que filmou “O Jogo da Rainha”, com o cearense Karim Ainouz). Inspirado em “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, o longa narra o bloqueio criativo da escritora Julia (Alicia), às voltas com um antigo amor chamado Peter (Wagner). Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 2, 21h30.

Diretor artístico Jorge Davidson reúne histórias de sua carreira no livro de memórias 'Em Sintonia com o Sucesso'

Nos bastidores da canção



Acervo pessoal



Jorge Benjor, Herbert Vianna, Ivete Sangalo e Chico Science são alguns dos artistas que trabalharam com o executivo

AFFONSO NUNES

Durante três décadas, Jorge Davidson esteve em postos de decisão de algumas das principais gravadoras do país. Passou pela EMI, Sony Music e BMG, ocupou diretorias artísticas e acompanhou artistas que influenciaram a música brasileira a partir dos anos 1980. Essa experiência chega agora ao livro "Em Sintonia com o Sucesso — A arte de revelar talentos na música

brasileira", da Gryphus Editora, que será lançado nesta terça-feira (20), na Livraria Argumento, no Leblon.

O livro se propõe a olhar para um trabalho quase sempre invisível no território da canção popular: a mediação entre artistas, grava-

doras, rádio, imprensa e público. Davidson começou como gerente de produto na EMI e ali se tornou diretor artístico; exerceu a mesma função na Sony e foi vice-presidente artístico na BMG e na EMI. Em sua trajetória, cruzou com carreiras como as de Blitz, Os Paralamas do

Sucesso, Legião Urbana, Marisa Monte, Fernanda Abreu, Gabriel O Pensador, Skank, Chico Science & Nação Zumbi, Planet Hemp, Jota Quest e Ana Carolina.

Faz parte do trabalho de um diretor artístico reconhecer uma voz em formação, ajudá-la a encontrar

repertório e linguagem e, sobretudo, entender quando uma aposta requer tempo antes de ser medida pela regra das vendas ou execução pública. Davidson percorre também a passagem de um mercado simbolizado pelo álbum físico para a realidade das plataformas digitais.

Nascido em Salvador e criado no Rio, ele recupera na obra a relação com o futebol de praia em Copacabana, a passagem pela redação da TV Globo e o convívio com ídolos que conheceu antes como ouvinte.

O livro usa essas lembranças para organizar um percurso profissional que vai da chegada à EMI às diretorias das grandes gravadoras, sem separar a história da indústria das canções e dos artistas que ela colocou em circulação.

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES

Foucault, 100 anos

O maior começa pelo Menor. Em "A República", de Platão, o Estado age de forma imperceptível, por isso se faz presente no lugar Menor, ou seja, no quarto da criança. Entre a mãe e o filho, o Estado é força maior que se apequena como fábula nobre lida pela mãe. O Estado infiltra-se na casa.

O ápice da extrema direita é Hitler. Bem mais do que um nome, sua voz ecoa a matilha, e um lobo merece atenção: doutor em Filosofia e cérebro da propaganda nazista, ele, por meio de uma linguagem estetizada, colocou o Estado nazista dentro dos lares alemães: Goebbels.

Biógrafo, Peter Longerich escreve o interesse de Goebbels pelo sucesso com a multidão: "Berlim precisa de sensacionalismo, e toda propaganda política que não levar em conta isso está fadada ao fracasso" (p. 90). A maior multidão começa pelo Menor, isto é, pelo cotidiano da família, é lá onde pulsam as sensações, os desejos. Diz Goebbels: "O sentimento social é a exacerbção do sentimento familiar" (p. 63).

Iniciei esta coluna com a extrema direita, e não com Michel Foucault (1926-1984), porque, antes de o nazismo dominar o lugar Maior, ele circulou por lugares Menores. Não há, primeiro,



Reprodução

Qualquer graduação de história neste país, porém, apropria-se da filosofia para deformar Foucault com rótulos

o nazismo, e sim suas graduações, isto é, micronazismos. Chego a Foucault: pequeno movimento do poder ou microfísica do poder. Qualquer graduação de história neste país, porém, apropria-se da filosofia para deformar Foucault com rótulos de ou estruturalista, ou neoestruturalista, ou pós-estruturalista.

Primavera de 1983: "Jamais fui estruturalista" ("Ditos e escritos II", 2025, p. 327), e continua: "Sinto-me embaraçado porque não vejo claramente o que

isso quer dizer, nem mesmo — pouco importa a palavra, sempre se pode usar uma etiqueta arbitrária — qual o tipo de problemas que é visado através dessas palavras" (Ditos e escritos II, 2025, p. 339). Diferente da história, a filosofia não usa etiquetas arbitrárias, não estrangula Foucault com as mãos do período histórico e muito menos sufoca-o com o saco plástico da identidade.

A filosofia pensa conceitos. Cria-os. Aprofunda o conceito de luta. "Marx

diz, efetivamente, que o motor da história reside na luta de classes. E muitos, depois dele, repetiram essa tese. (...). Mas até aqui ninguém examinou nem aprofundou a questão de saber o que é a luta. O que é a luta, quando dizemos luta de classes? Visto que dizemos luta, trata-se de conflito e de guerra? Mas como essa guerra se desenvolve? Qual é o seu objetivo? Quais são os seus meios? Sobre que qualidades racionais repousa?" (Ditos e escritos VI, 2013, p. 197).

Se ignoramos o que é relações de poder, desconhecemos como lutar. Para Foucault, filósofo do poder é Nietzsche ("Microfísica", 1979, p. 143), pois, para além de Marx, o poder serve-se do dualismo a fim de se criar enigmático: visível-e-invisível, presente-e-oculto ("Microfísica", 1979, p. 143).

Assim, na condição de paradoxo, o poder é forte porque produz entre signos contrários efeitos do desejo em lugares Menores, lugares onde a realidade acontece. Por causa do Menor, a extrema direita é maior no Congresso, consequência de uma força semântica desejada por famílias em suas casas.

A extrema direita é vitoriosa, e a oposição permanecerá com o modelo dualista de luta, qual seja, a "luta-contra", aliás, que Goebbels tanto motivava. Ouço Foucault: "Uma coisa é determinante: que o marxismo tenha contribuído e contribuiu, sempre, para o empobrecimento da imaginação política" ("Ditos e escritos" VI, 2013, p. 190).

A fileira que mais cresce na gôndola

Segmento dos vinhos sem álcool avançam 29,1% no varejo do país enquanto o mercado geral encolhe

AFFONSO NUNES

A prateleira de vinhos dos supermercados brasileiros ganhou uma fileira nova — e é a que cresce mais rápido. Rótulos desalcoholizados de marcas nacionais e importadas ocupam espaço antes reservado aos tradicionais, e o movimento tem número: no início de 2026, o mercado de vinhos sem álcool registrava alta de 29,1%, enquanto o mercado geral de vinhos encolhia 4,9%, segundo a NielsenIQ. Entre 2020 e 2023, o consumo da categoria cresceu 30% no país, acima da média global de 20%.

Relatório da International



Divulgação

Wine & Spirit Research (IWSR), consultoria britânica, projeta crescimento médio de 10% ao ano em volume no segmento sem álcool no Brasil até 2028 — num mercado de vinhos que movimentou R\$ 21,1 bilhões em 2025.

O exemplo mais ilustrativo vem da Freixenet. A marca espanhola passou a ter nove rótulos sem álcool no Brasil depois que a linha saltou de 9% do negócio

Nacionais ou importadas, as opções de rótulos de vinhos e espumantes sem álcool crescem nos supermercados e lojas especializadas

no país em 2025 para 15% entre janeiro e agosto deste ano. “O crescimento é impressionante, estamos avançando muito e o foco agora é na premiumização”, comemora Fabiano Ruiz, CEO da Henkell Freixenet Brasil.

A última edição da ProWine, realizada em São Paulo, deu dimensão do movimento. A vinícola Amitié e a cooperativa Aurora apresentaram lançamentos na categoria, a importadora Épice trouxe um novo sem álcool da portuguesa Bacalhôa, e a chilena Concha y Toro prepara a versão desalcoholizada do Casillero del Diablo, com preço estimado entre R\$ 50 e R\$ 55. “É uma tendência

clara do setor”, disse Malu Sevieri, diretora do evento.

A tecnologia explica parte do custo — e do atraso brasileiro. O vinho é produzido de forma convencional e o álcool é retirado depois, por evaporação a vácuo em baixa temperatura. “Faz o vinho e depois tira o álcool. É uma tecnologia cara e que não existia no Brasil”, destaca Ruiz. O equipamento custa hoje cerca de R\$ 3 milhões.

A expansão acontece enquanto a indústria encolhe. Ruiz reconheceu que a queda no consumo de álcool afeta a empresa e citou a popularização das canetas à base de GLP-1. Pesquisa da Associação dos Fabricantes de Refrigerantes do Brasil (Afrebras) mostra que 61% dos empresários do setor perceberam mudanças nos hábitos dos clientes associadas a medicamentos para emagrecimento. “Existe uma compensação de vendas”, pontua Ruiz.

A aposta da Freixenet agora é no luxo: uma versão sem álcool do Cordon Negro, um espumante rosé e a linha Diamond, de garrafa estilizada, com uvas italianas. Ruiz diz não ver teto para a categoria no Brasil — na filial mexicana do grupo, o sem álcool já respondeu por 30% do negócio no ano passado. “Eu não sei se esse é um movimento que pode acontecer no Brasil”, disse.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

20 anos com novidades

Em comemoração aos 20 anos, a Dom Casero apresenta novidades no portfólio. A marca lança a linha Extraordinário, que transforma os biscoitos artesanais em uma experiência ainda mais especial, com diferentes coberturas de chocolate e uma versão de Rabanada. Já a linha Raízes resgata sabores, memórias e elementos dos primeiros anos da empresa, incluindo o retorno temporário da Pimentinha e clássicos como Bolo de Goma e Casadinho de Goiabada. As novas embalagens reforçam a conexão com a história e o cuidado artesanal.



Divulgação

Novos sabores

Em Secretário, o Sítio Gastronômico, da chef Anna Dolezal, apresenta novidades que valorizam ingredientes e combinações cheias de personalidade. Entre elas, o tortellini de pato com foie gras, caldo do próprio pato e picles de maçã verde, além do chorizo Black Angus com aipim e limão-galego. Para finalizar, a torta de queijo de milho verde com calda de goiabada cascão traz um toque brasileiro à sobremesa. A casa também estreia um menu degustação de seis etapas, com harmonização de vinhos opcional.



Divulgação

Queijos artesanais

O Zona Sul Catete recebe, no dia 24 de outubro, das 10h às 16h, a Feira de Queijos Artesanais. Com entrada gratuita, o evento reunirá 15 produtores de diferentes regiões do Brasil, com degustações e apresentação de produtos a cargo de André Guedes, expert em queijos e frios da rede de supermercados. A programação inclui ainda uma aula especial para convidados. Uma oportunidade para conhecer a diversidade e as histórias por trás dos cada vez mais prestigiados queijos artesanais brasileiros.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

As canções e os protestos que vieram do passado

O renascimento das chamadas canções de protesto foi um dos mais evidentes sinais de que, a partir de 2018, o país flertava com o abismo da ditadura. Havia retomado seu sentido original músicas que, meio século antes, embalaram e consolaram os que não engoliam o autoritarismo.

E, aí, tome de “Apesar de você” (Chico Buarque), “Cálice” (Chico e Gilberto Gil), “O bêbado e a equilibrista” (João Bosco e Aldir Blanc), “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré), “Nada será como antes” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos), “Clube da Esquina nº 2” (Milton, Lô e Márcio Borges).

Seus versos voltaram a ser entoados como uma forma de resistência e toque de reunir. Era preciso cantar, pregar a confiança no futuro (“Amanhã vai ser outro dia”), remoer a dor da tortura (“Paí, afasta de mim este cálice/ De vinto tinto de sangue”; “E nuvens, lá no mata-borrão do céu/ Chupavam manchas torturadas/ Que sufoco”).

Valia também estimular a luta (“Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”), tornar presentes os desaparecidos (“Que notícias me dão dos amigos?/ Que notícias me dão de você?”), lembrar dos gases lacrimogêneos e ressaltar que sonhos não envelheciam.

Nas décadas de 1960 e 1970, os que se opunham ao regime podiam culpar os militares golpistas. A eleição de 2018 tornara tudo mais complexo, a lógica autoritária havia chegado ao poder pelo voto popular, fora opção da maioria dos eleitores.

O inimigo não era mais algo externo, não dava para dizer que a culpa era “deles” — o adversário estava no ônibus, no metrô, no trabalho, na igreja, nas escolas vigiadas, nas ruas, nos campos hi-tech, em construções intolerantes de paredes sólidas e inflexíveis.

Um Brasil não conhecia um outro Brasil, país capaz de usar a democracia para derrubá-la, que



Geraldo Vandré, em 1968, num Maracanãzinho que queria caminhar, cantar e seguir a canção

Um Brasil não conhecia outro Brasil, país capaz de usar a democracia para derrubá-la, que transpunha para a vida na Terra o princípio religioso da luta de um suposto bem contra um declarado mal

transpunha para a vida na Terra o princípio religioso da luta de um suposto bem contra o declarado mal, opção que, por seu caráter extremista, autorizava a destruição de opositores.

Na tentativa de entender o

que acontecia e na busca de estímulo para uma nova jornada de lutas, o lado derrotado nas urnas recorreu a velhas canções que nunca haviam sido esquecidas, mas que pareciam gozar de merecido descanso depois de tantas batalhas — a ameaça de repetição da tragédia que as motivara soava como farsa. Ouvi-las ajudou nos momentos de desespero.

Escrita por Chico Buarque para prantear e expor a tortura e o assassinato, em 1971, de Stuart Angel Jones, filho da estilista Zuzu Angel, “Angélica” serviria de réquiem para os 700 mil brasileiros mortos na pandemia, parte deles assassinada pelo descaso, pela irresponsabilidade e pelo negacionismo: “Quem é essa mulher/ Que canta como dobra um sino?/ Queria cantar por meu menino/ Que ele já não pode mais cantar”.

Nascido — como Chico, Gil e Caetano Veloso — nos anos 1940, Belchior expressava uma rebeldia diferente daquela empunhada pela geração que encarnou o conceito de MPB. Parecia mais jovem,

chegou a ironizar o autor de “Alegria, alegria”, classificado de “antigo compositor baiano”.

Seu protesto caminhava por vias mais tortas, não queria contar o que aprendera nos discos; era preciso, sempre, rejuvenescer. A exemplo de Lupicínio Rodrigues, alertava, do seu jeito, que não se deve ir ao inferno a procura de luz. Belchior frisava os perigos que havia nas esquinas, o sinal que se fechava para os jovens a necessidade de afeto. Frisava que braços, lábios e voz haviam sido feitos para abraçar o irmão e beijar a menina, na rua.

Não será razoável se, mais uma vez, músicas feitas para embalar o combate à ditadura precisem recuperar uma espécie de função original. Melhor que permaneçam como testemunhos de uma época e como exemplos de beleza e de criatividade, não é bom buscar futuro no pretérito. Como ensina Belchior: “No presente, a mente, o corpo é diferente/ E o passado é uma roupa que não nos serve mais”.

Reprodução